

APOSTA SUJA

LUÍS AGUILAR

APOSTA SUJA



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

«Uma das lições mais tristes da história é a seguinte: se fomos enganados durante muito tempo, temos tendência a rejeitar qualquer prova de fraude. Deixamos de estar interessados em descobrir a verdade. A fraude apanhou-nos. É demasiado doloroso reconhecer, nem que seja para nós mesmos, que fomos levados à certa. Assim que damos a um charlatão poder sobre nós mesmos, quase nunca o recuperamos. Por conseguinte, as velhas fraudes têm tendência a persistir, ao mesmo tempo que surgem outras novas.»

Carl Sagan,
in *O Mundo Infestado de Demónios*

INTRODUÇÃO

Respira fundo.

Prepara-te. Não vai ser fácil. Este jogo está viciado. Comprado. Adulterado. Encenado. Todos sabem. Menos tu. Ficas na escuridão. Iludido. Mas nem tudo é o que parece. Aquela reviravolta, aquele jogo dramático, aquela goleada épica. Afinal não foi bem assim. Foste enganado. Fomos enganados. Este é o lado negro do futebol. Aquele que ninguém nos quer mostrar. Grupos de crime organizado combinam jogos em todo o mundo e têm lucros milionários nos mercados ilegais de apostas. Jogadores, treinadores, árbitros e dirigentes aceitam subornos para manipular resultados. Vale tudo: dinheiro, ameaças e homicídios. Ninguém está a salvo.

Respira fundo.

Não sejas ingénuo. Não penses que acontece apenas aos outros. É provável que a tua equipa ou a tua selecção já tenham participado em jogos combinados. Fosse por influência directa. Fosse pelo adversário. Fosse por um árbitro ao serviço de poderes exteriores ao jogo. Em Fevereiro

de 2013, a Europol desmantelou uma rede que falseou mais de 680 jogos entre 2008 e 2011. A organização criminosa conseguiu viciar resultados em qualificações para o Euro 2012 e para os Mundiais de 2010 e 2014, Liga dos Campeões, Liga Europa e vários jogos dos principais campeonatos europeus. Foram identificados 425 oficiais: árbitros, dirigentes, jogadores e outros suspeitos. Em 2011, uma investigação da polícia italiana levou a tribunal 22 clubes e mais de 50 jogadores por suspeitas de *match-fixing* (jogos combinados). Em 2012, o primeiro árbitro chinês a apitar um jogo num Mundial foi sentenciado a cinco anos de prisão por manipular jogos da liga chinesa.

Respira fundo.

Na Alemanha, o tribunal de Bochum conseguiu provar que um grupo criminoso de origem asiática pagou subornos na ordem dos 2 milhões de euros e alcançou lucros superiores a 8 milhões de euros apenas com jogos germânicos. Em Inglaterra, um homem natural de Singapura foi apanhado a dizer o preço dos intervenientes do jogo: «Cerca de 83 mil euros por cada jogador da Premier League, 60 mil euros para um da segunda divisão e 24 mil euros para os árbitros.» Na Grécia, tem acontecido de tudo nos últimos anos: dirigentes da arbitragem são agredidos, jornalistas vivem com medo de noticiar o que se passa e os investigadores anticorrupção correm perigo de vida.

Respira fundo.

Em todo o lado, os homens que tentam travar esta onda de criminalidade acabam marginalizados, despedidos ou silenciados para sempre. Sim, também há mortes. O director desportivo de um clube húngaro saltou de um prédio

depois de saber que seis dos seus jogadores tinham sido presos por manipular jogos da equipa. Na Coreia do Sul, 57 pessoas foram acusadas de *match-fixing*. Quatro delas acabariam por se suicidar em circunstâncias duvidosas. Em Portugal...

Respira fundo.

CAPÍTULO 1

ATENÇÃO: ESTE JOGO ESTÁ COMPRADO!

«Se amanhã formos ver um jogo e já soubermos o seu desfecho, o futebol está morto.»

Michel Platini (presidente da UEFA)

«Nunca fiz a conta certa, mas devo ter manipulado entre 80 a 100 jogos de futebol. Em alguns desses jogos chegava a sentar-me no banco e a dizer aos jogadores e treinadores o que tinham de fazer. Era fácil.»

Wilson Raj Perumal é o rosto global do *match-fixing*. O empresário, natural de Singapura, fazia parte de uma rede de corrupção desportiva com origem na Ásia e tentáculos espalhados por oito países europeus: Alemanha, Finlândia, Hungria, Suíça, Eslovénia, Itália, Croácia e Macedónia.

Começou por trabalhar a nível local, mas rapidamente se expandiu para outros territórios. Alega ter conseguido corromper algumas das principais competições do mundo: Jogos Olímpicos de 1996 e 2008; Taça das Nações Africanas; Gold Cup; Mundial feminino de 2007 e Mundial masculino de 2010. Ao longo de duas décadas de actividade,

conseguiu infiltrar-se em clubes de futebol e federações, tendo mesmo chegado a organizar torneios e jogos amigáveis apenas para obter lucros no mercado de apostas através dos resultados combinados.

A sua vida dividiu-se entre a cadeia e os estádios de futebol. Ganhou muito dinheiro com os jogos que ajudou a viciar. «Cerca de 5 milhões de euros», como chegou a admitir. E perdeu tudo. Várias vezes. Porque também é um apostador compulsivo. Dentro do mesmo homem vive um rigoroso burlão e um jogador descontrolado. No mesmo dia pode ganhar centenas de milhares de euros com um jogo que manipulou e perder tudo numa aposta sem sentido. As duas facetas estiveram sempre ligadas e moldaram os caminhos da sua vida.

Em Maio de 2015, entrevistei Perumal poucos dias depois de ele ter sido pai pela primeira vez. Era agora um homem de família. Os dias de corrupção desportiva tinham ficado para trás. Confessou-me que não guardava qualquer arrependimento por ter viciado resultados e garantiu que continuava a apostar em jogos de futebol.

Homens como ele são atraídos para o futebol por causa dos elevados ganhos que a modalidade gera no vasto e desregulamentado mercado de jogo asiático. Sabe-se que o mercado de apostas da Ásia é o maior do mundo, mas ninguém conhece a sua real dimensão, uma vez que essas casas não estão ligadas ao sistema de alerta da FIFA ou aos organismos de monitorização de apostas desportivas. Dessa forma conseguem movimentar elevadas somas financeiras e

podem lançar apostas a todo o tipo de jogos, sejam as grandes competições, ligas secundárias ou campeonatos de camadas jovens. Um encontro a envolver clubes como o Real Madrid ou o Manchester United pode movimentar mais de 100 milhões de euros. Um jogo sem importância, de um campeonato secundário, chega a render 14 milhões.

Numa entrevista à Sky News, o britânico Terry Steans, antigo investigador da FIFA, define a proporção deste mercado: «As pessoas falam do lucro que a FIFA teve com o Mundial do Brasil. Perto de 4 mil milhões de dólares [cerca de 3,2 mil milhões de euros]. Sabem o que eles chamam a 4 mil milhões no mercado ilegal de apostas da Ásia? Quinta-feira! É a receita que fazem num só dia. A quantidade de dinheiro do crime organizado é fenomenal.»

Estima-se que o mercado das apostas desportivas consiga um retorno anual de 1 trilião de dólares (perto de 900 biliões de euros), dando uma média de 3 biliões por dia (cerca de 2,7 biliões de euros). Cerca de 60 por cento desse valor é garantido pelo continente asiático.

Patrick Jay, executivo da Hong Kong Jockey Club, uma das maiores organizações de jogo do mundo, define a proporção deste mercado: «Em alguns casos, um jogo de futebol consegue gerar mais de mil milhões de dólares [cerca de 940 milhões de euros] em apostas.»

Perante números tão pornográficos, a tentação de viçar um resultado vence todos os medos. E se o trabalho for bem feito, é muito difícil de detectar. Os avançados podem falhar golos de propósito, os defesas podem facilitar a vida de quem ataca e o guarda-redes — elemento fundamental neste esquema — pode sempre ter menos inspiração

no momento de defender uma bola que vai para a sua baliza. Além disso, o árbitro tem o poder de marcar um penálti inexistente ou expulsar um jogador para enfraquecer a equipa que tem de perder — e sofrer mais golos — para que os apostadores consigam maiores lucros.

Nada disto é possível sem operacionais no terreno que consigam persuadir os intervenientes do jogo a falsificar tudo o que se vai passar dentro do campo. No que toca ao futebol, Perumal é um dos agentes de *match-fixing* mais brilhantes de sempre.

O seu esquema de jogos viciados encontrou a selecção portuguesa, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Perumal voou para os Estados Unidos e encontrou-se com Pal (Rajendran Kurusam) e Uncle Frankie (Tio Frankie), outros dois homens também naturais de Singapura. Uncle Frankie é uma verdadeira lenda entre os manipuladores da Ásia. Também usava o nome de Frankie Chung, mas nunca se soube a sua verdadeira identidade. Este empresário indonésio-chinês foi um dos primeiros a perceber que a expansão global do futebol oferecia grandes oportunidades financeiras através do arranjo de resultados. No início da década de 90, terá viciado mais de 70 por cento dos jogos da liga de Malásia-Singapura (os dois países disputam o mesmo campeonato). A fraude foi tão violenta que levou a competição ao colapso. Depois do domínio caseiro, Uncle decidiu internacionalizar-se. Foi ele que ensinou os segredos dos resultados combinados a agentes corruptos como Perumal. O singapurense nunca escondeu a sua

admiração pelo professor: «Tipos como o Uncle eram os maiores bandidos. Aquilo que eu faço agora, já eles faziam no passado. Cresci a ver estes tubarões viciarem jogos de baixo dos olhos de toda a gente. Aprendi com eles.» Uncle era o mestre, Perumal era o aprendiz dedicado e Pal era o homem do dinheiro.

A história é contada no livro *Kelong Kings* (Invisible Dog, 2014), a biografia de Perumal, escrita pelos jornalistas italianos Alessandro Righi e Emanuele Piano. «Kelong» é uma expressão do dialecto malaio para definir «jogos combinados». Os reis do *match-fixing*, como se intitulam, estavam nos Estados Unidos para tentar ferir de morte o futebol masculino das Olimpíadas. E conseguiram. Tal como Perumal conta na sua biografia.

«Aterrei em Nova Iorque e encontrei-me com o Pal no hotel Holiday Inn, onde estava hospedada a delegação da equipa tunisina. Tentei aproximar-me de alguns jogadores assim que cheguei. Já estava a falar com dois deles sobre as condições do negócio quando o Pal veio ter comigo: “Sai daí”, sussurrou. “O Uncle já tratou de tudo.” Já tinha ouvido falar nesta capacidade do Uncle. Ele tinha a habilidade de convencer as pessoas rapidamente.»

Na entrevista que fiz a Perumal ele voltou a sublinhar que durante os Jogos Olímpicos estava apenas a dar os seus primeiros passos na sua carreira de jogos combinados: «Nessa altura eu era apenas um acessório. Um arranjador novato que estava a aprender com os grandes mestres do negócio.»

Mesmo sem a sua influência directa, o primeiro arranjo estava concluído. A selecção tunisina passava a ser controlada pelos homens de Singapura. Os jogadores da equipa africana tinham a oportunidade única de se mostrar ao mundo numa fase final dos Jogos Olímpicos. Um feito que muitos craques do futebol mundial nunca alcançaram. Veja-se o caso de David Beckham: aos 37 anos, depois de um percurso recheado de êxitos, sonhava em vestir a camisola de Inglaterra nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012. Chegou a fazer parte da lista provisória de 35 jogadores, mas o seleccionador Stuart Pearce decidiu deixá-lo fora do lote final. Beckham nunca foi olímpico. Terminou a carreira com essa mágoa. Ao contrário dos tunisinos do Atlanta-1996. Mas o dinheiro falou mais alto.

«O nosso primeiro jogo foi o Portugal-Tunísia, em Washington. As probabilidades estavam a favor de Portugal, por isso a Tunísia tinha de perder por dois golos. (...) O Pal não costumava assistir aos jogos que tinha viciado, mas eu fui ao estádio e fiz-lhe os comentários por telefone. Portugal marcou primeiro e precisávamos apenas que a Tunísia sofresse mais um golo. Ao minuto 67, houve um remate de longe à baliza da Tunísia e o guarda-redes mergulhou para o lado contrário. Resultado final, 2-0. Liguei ao Pal a partir do estádio: “Tens de dar mais dez mil dólares aos tunisinos pelo nível de compromisso que mostraram. Estes cabrões fizeram um trabalho perfeito. Se não fossem eles, não iríamos receber um cêntimo”», conta Perumal no seu livro.

Os dois golos de Portugal foram marcados por Afonso Martins e serviram de mote para uma grande campanha

nos Jogos Olímpicos. A equipa de Nelo Vingada esteve perto do pódio, mas perdeu contra a Argentina nas meias-finais (2-0) e seria goleada pelo Brasil (5-0) no jogo de atribuição do terceiro e quarto lugar, que poderia ter valido a medalha de bronze.

Portugal perdeu. Acabou na quarta posição. Fora das medalhas. Mas, mesmo assim, foi a melhor campanha de uma equipa lusa na fase final dos Jogos Olímpicos. O que os portugueses não sabiam era que o seu primeiro adversário estava pago para perder, segundo a versão de Perumal. O guarda-redes que alegadamente facilitou no segundo golo de Afonso Martins chama-se Chokri El-Ouaer. Fez quase toda a sua carreira no campeonato tunisino, mas chegou a representar os italianos do Génova durante a temporada 2001/02, um clube que, anos mais tarde, esteve envolvido em vários escândalos de jogos combinados.

Perumal nunca se referiu ao então seleccionador da Tunísia, o polaco Henryk Kasperczak, mas o singapurense diz que o seu amigo Uncle tinha conseguido a colaboração de todo o sector defensivo dos tunisinos. Primeiro: contra Portugal. Depois: contra os Estados Unidos, no segundo jogo da fase de grupos, em que a formação da Tunísia voltou a perder pelo resultado necessário de 2-0. Não havia muito que o treinador pudesse fazer perante a traição dos seus jogadores. A equipa acabou em último lugar do grupo, com apenas um ponto, atrás de Argentina, Portugal e Estados Unidos. Mas a organização de Singapura seguiu em frente e tentou viciar mais jogos.

Próximo cliente: Nigéria.

Os nigerianos preparavam-se para jogar o seu último jogo da fase de grupos frente ao Brasil. Ambas as equipas tinham ganho os primeiros dois encontros e já sabiam que iam passar à fase seguinte. O embate servia apenas para definir quem ficaria em primeiro lugar do grupo.

Os singapurenses propuseram 300 mil dólares [perto de 270 mil euros] aos nigerianos caso perdessem 2-0 contra o Brasil. Perumal conta que Pal abordou dois dirigentes da federação da Nigéria e que estes aceitaram perder a troco de um depósito inicial de 100 mil dólares [cerca de 90 mil euros]. O problema foi o resultado final. Talvez os dirigentes achassem que não havia problema, mas os jogadores da Nigéria fizeram tudo para ganhar o jogo e perderam apenas por 2-1. O golo marcado foi contra as probabilidades negociadas com as casas de apostas da Ásia e, dessa forma, o grupo de Singapura não conseguiu lucrar o que pretendia.

Uma vez que os nigerianos não tinham cumprido com o combinado, Pal ordenou Perumal que recuperasse o dinheiro junto dos dirigentes da federação da Nigéria. Estes devolveram 80 mil dólares (já tinham gasto os outros 20 mil), mas Perumal disse a Pal que nunca tinha recebido.

No negócio do *match-fixing* as traições entre os arranjadores são comuns. Quase todos se tentam enganar. O lucro de cada um está, muitas vezes, acima do grupo. Também não há uma hierarquia como na máfia clássica. Não há *capos*, chefes ou padrinhos. Há apenas equipas de criminosos. Homens mais ou menos independentes, mais ou menos talentosos, a fazerem aquilo que aprenderam com alguém. Por

vezes, trabalham em conjunto. Por vezes, fazem tudo sozinhos. Por vezes, competem entre eles. Mas não são desorganizados ou menos eficazes do que os cartéis de crime organizado. E nunca perdem de vista o principal objectivo: ganhar muito dinheiro com jogos combinados.

Perumal era viciado em apostas, perdia muito dinheiro, e não rejeitava uma única oportunidade de ficar com uma fatia maior do que aquela que lhe pertencia. Mas não era o único a fazê-lo. Foi traído, traiu. Foi roubado, roubou. Nos seus primeiros anos de actividade, quando ainda se limitava a viciar jogos nas competições de Singapura e Malásia, foi ludibriado por *fixers* (arranjadores) mais experientes e com maior poder financeiro. Depois aprendeu a receita do negócio. Percebeu que no mundo dos resultados combinados não existe lealdade entre criminosos. E passou a jogar com as mesmas armas. É a velha história: a vítima de *bullying* vai praticar *bullying*. É a história de Perumal. E de tantos outros homens de Singapura.

O arranjo com a Nigéria saiu furado. Não houve um «bom nível de compromisso dos jogadores», como gostam de dizer os homens que se dedicam ao arranjo de jogos. Era tempo de passar para outra equipa.

Novo alvo: México.

Os homens de Singapura tentaram persuadir o mítico guarda-redes Jorge Campos. Ficou conhecido pelo estilo extravagante com que defendeu a baliza mexicana nos Mundiais de 1994 (EUA), 1998 (França) e 2002 (Coreia do Sul/Japão). Os equipamentos coloridos tornaram-se a sua imagem de marca e ajudaram a que Campos ficasse na história

como um ícone do futebol mundial da década de 90. Na altura dos Jogos de Atlanta, porém, o guarda-redes estava apenas a começar a carreira. Era um jovem desconhecido.

«Viajámos para Birmingham, em Atlanta, onde o México e a Nigéria se preparavam para jogar os quartos-de-final. Como os nigerianos não se tinham mostrado pessoas de confiança, decidimos tentar os mexicanos e aproximámo-nos do guarda-redes deles, Jorge Campos», recorda Perumal.

«Gostávamos de falar contigo», disse-lhe eu no lóbi do hotel. «Temos uma proposta que podes considerar interessante.» O guarda-redes mexicano aceitou acompanhar-me até ao meu quarto, onde nos sentámos; apenas o Campos, o Pal, Ronnie, um amigo do Pal, e eu. Perguntámos-lhe se ele queria fazer negócio.»

Proposta: 300 mil dólares (270 mil euros) para perder o jogo contra a Nigéria.

Resposta: «Desculpem, mas não estou interessado. Não faço esse tipo de coisas.»

A integridade do guarda-redes mexicano apanhou de surpresa os homens de Singapura. E pior ficaram com o que se passou a seguir: «Assim que ele saiu do nosso quarto, entraram cinco seguranças da delegação do México que nos disseram para deixarmos o hotel imediatamente ou seríamos presos. “Sabemos o que vocês estão a preparar. Saiam agora ou chamamos a polícia”, ameaçaram. Arrumámos as nossas coisas e fomos embora o mais rápido possível.»

Apesar do susto, nenhum deles desistiu. Entre tentativas bem e mal sucedidas, o grupo conseguiu sair dos Jogos

Olímpicos com saldo positivo. O México acabou por perder 2-0 contra a Nigéria e também foi para casa mais cedo. Os nigerianos davam mais um passo rumo à medalha de ouro. Nas meias-finais, desforraram-se dos brasileiros e venceram nas grandes penalidades. Na final, defrontaram a Argentina de Javier Zanetti, Ayala, Sensini, Ortega, Diego Simeone, Hernán Crespo (melhor marcador da prova), Claudio López, entre outros. Mas não se atemorizaram e venceram os argentinos por 3-2 num jogo de loucos. A equipa que os singapurenses tinham tentado comprar, acabava de ser campeã olímpica com uma das melhores gerações de sempre do futebol nigeriano, composta por nomes como Kanu, Okocha, Taribo West, Babangida ou Amuneke.

Sem a influência de Perumal e seus pares, os jogos a eliminar correram dentro da normalidade. Longe de batotas. Mas estes eram apenas os primeiros dias do sindicato de Singapura, como ficaria conhecido. Os mesmos homens que quiseram viciar os Jogos Olímpicos de 1996 foram requintando os seus métodos, aprenderam, moldaram-se aos novos tempos e passaram a ter um raio de acção global. Com a explosão das apostas *online*, muitos deles conseguiram quebrar fronteiras e manipular resultados nas principais competições de futebol. Perumal tornou-se mesmo no mais prolífico arranjador de jogos do mundo.

O seu caminho só voltou a cruzar-se com o da selecção portuguesa em vésperas do Mundial de 2010, realizado na África do Sul. Por essa altura já muita coisa tinha mudado. O sindicato de Singapura passou a ter uma extensa lista

de homens do futebol que aceitavam fazer negócio de forma constante. Fiéis colaboradores. Sempre aptos. Sempre disponíveis. Prontos para dançar a música que lhes era dada. Sem perguntas. Sem complicações.

Chris Eaton, antigo chefe de segurança da FIFA, resumiu essa evolução da melhor forma: «Eles tinham parado de viciar jogos e começaram a viciar pessoas.»

Ler: árbitros.

Ler: jogadores.

Ler: dirigentes.